

**LEWIS CARROLL: MATEMÁTICO, FOTÓGRAFO
E ESCRITOR – AS DIVERSAS FACES DO AUTOR DE
ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS**

Alice Lima GOEHRING
Isabella Spatti CÂNDIDO
Natália Corrêa E. SILVA

Orientadora: Profa. Dra Márcia Azevedo de Abreu

Resumo: Considerando a transferência cultural existente no século XIX, estudamos o autor inglês Charles Ludwig Dodgson, mais conhecido como Lewis Carroll, autor do famoso clássico da literatura infantil *Alice no País das Maravilhas*, grande nome do estilo nonsense, fotógrafo estimado e professor de matemática da universidade de Oxford. Mergulhamos na biografia do Sr. Dodgson, estudando brevemente seus gostos e características, assim como os polêmicos rumores que fizeram de Alice uma das mais conhecidas obras da literatura infantil mundial. Analisamos o número de edições, traduções e críticas, identificando assim *Alice no País das Maravilhas* como a obra de maior circulação no período. Estudamos o livro juntamente com as críticas literárias da época para uma possível reflexão do motivo de seu sucesso e de sua entrada no cânone literário.

Palavras-Chave: História Literária, literatura infantil, nonsense, Lewis Carroll, Alice no País das Maravilhas.

BIOGRAFIA

Lewis Carroll é conhecido mundialmente por suas criativas e brilhantes histórias infantis, *Alice no país das maravilhas* e *Através do espelho e o que Alice encontrou por lá*. Estes livros, que tem conduzidos milhares de leitores e críticos, desde 1865, a uma aventura num curioso mundo cheio de personagens excêntricos e malucos, tornaram-se alguns dos clássicos da literatura infanto-juvenis mais populares em língua inglesa, atraindo gerações de crianças de todas as idades e lugares.

Lewis Carroll nasceu durante o reinado de Guilherme IV, com o nome de Charles Lutwidge Dodgson, no presbitério de *Daresbury*, em *Cheshire*. Muito religioso e inteligente, formou-se em *Christ Church*, na Universidade de Oxford, onde passou a lecionar Matemática na idade adulta. Tinha hábitos peculiares no que se referia a vestimentas, gostava de fotografia e preferia a companhia de criança à de adultos - o que lhe rendeu rumores fortes que, mesmo anos após sua morte, jamais morreram. Era o terceiro dos onze filhos do casal, Charles Dodgson e Frances Jane Lutwidge - sete meninas e quatro meninos -, e seu nascimento foi anunciado no jornal *Times* de Londres. Seu pai e sua mãe tinham o mesmo avô, também chamado Charles Dodgson. As raízes do nome de sua família estendem-se para além do século XVIII, no interior do país. Os

primeiros Dodgson eram famílias nobres, já os antecedentes mais próximos do autor eram membros do clero, em sua maioria. Aos treze anos de idade, escreveu e ilustrou uma revista que criou especialmente para sua família, algo que provavelmente o ajudou na transformação de professor para contador de histórias. Alguns personagens de seu mais famoso livro devem sua origem ao quintal de sua casa em *Saresbury*, onde inventava os mais estranhos passatempos.

Amigo próximo do reitor de Christ Church, da Universidade de Oxford, gostava de levar as filhas deste para passeios de barco no rio Tâmsa no verão. Lorina, Edith e, é claro, Alice, tomaram parte no passeio que tomou forma no dia 4 de Julho, quando pediram para que o Sr. Dodgson contasse uma história. Improvisando, ele começou o conto da menina entediada à beira de um rio que, avistando um coelho vestido em colete e conferindo um relógio de bolso, decide segui-lo para dentro de sua toca, jogando-se numa aventura em um submundo mágico, onde o impossível é possível, animais falam e nada faz sentido.

À sua personagem principal, ali, na hora, deu o nome de “Alice”, a filha do meio do reitor, que se sentiu tão encantada com a história que pediu ao professor que a escrevesse para que ela pudesse guardar. Ele o fez, dando à família o manuscrito de presente de natal. Tantos anos depois, o universo criado pelo Sr. Dodgson em uma improvisada tarde de verão para agradar menininhas em um passeio de barco, rendeu a ele um lugar de prestígio na literatura infanto-juvenil.

Ele assumiu o pseudônimo de Lewis Carroll, talvez em uma tentativa de separar suas publicações acadêmicas do que, na época, teria sido sua «aventura literária».

Existe um paradoxo interessante sobre como Lewis Carroll, um homem solteiro, conseguia entender as crianças e ser amado por elas. Enquanto de um lado existia o professor de matemática, tímido e gago, que nunca se casou e extremamente religioso, «alto e ereto, que se veste de preto e age de maneira formal, precisa e rigorosa, com um profundo conhecimento¹, existe também o criador de *Alice no país das maravilhas*, um homem brincalhão, irreverente, com “uma capacidade de tocar os outros, de emocioná-los e fazê-los rir”.

Manteve uma grande relação com várias crianças, usando-as como modelos para suas fotos. Essa paixão por meninas pequenas se dava por acreditar que estas “personificavam a essência do romantismo: admirava sua beleza natural; valorizava suas declarações espontâneas; apreciava sua ilimitada inocência”, dedicando seu tempo para entretê-las e edificá-las.

Os últimos anos de sua vida passou em Guildfords com suas irmãs, onde podia facilmente viajar para Oxford, e lá faleceu no dia 14 de Janeiro de 1898, e é onde está enterrado, no Cemitério do Monte. A casa em que ficou em Guildford apresentava uma placa do lado de fora, desenhado por crianças locais, que conseguiram incorporar vários personagens de suas histórias. Por causa de uma tentativa de roubo da placa em 2005 ela foi removida para a custódia.

Sua enigmática figura, de aparência severa, que ocultava uma imaginação desvairada atraía - e ainda o faz, até hoje - historiadores da literatura e psicólogos ao tentar discernir

¹ COHEN (1998)

o impulso misterioso por trás de sua inventividade. Quer o chamem de Lewis Carroll ou Charles Dodgson, ele continua um mistério que desafia o entendimento. O indiscutível é que aquele dia de verão mudou a vida do Sr. Dodgson e de muitos ao seu redor e, definitivamente, mudou a história da literatura infanto-juvenil universal. A trama criada por ele, sem qualquer pretensão de fazer sentido e nenhuma lição de moral, até hoje é referência e colocou seu pseudônimo, Lewis Carroll, em vários livros de histórias.

1. MATEMÁTICO E FOTÓGRAFO

Charles Dodgson apresenta mais de trezentos itens publicados separadamente, como também recebeu e enviou mais de 98.721 cartas nos seus últimos 35 anos. Assim, mesmo se não tivesse escrito os livros infantis que o deixaram famoso, provavelmente seu nome ainda ficaria para a posterioridade em mais de uma disciplina.

Pode ser uma surpresa para os que o conheceram como criador de *Alice* saber que ele era matemático e professor de lógica, em *Christ Church*. Suas obras referentes à matemática apresentam equações lineares simultâneas e a sua aplicação em determinantes derivadas. Sua obra mais famosa como matemático é *Lógica Simbólica*, que retrata bem seu exercício intelectual favorito, o silogismo². Suas obras criativas, embora os críticos não chegassem a compreender os significados de vários de seus estudos de matemática e lógica, são um mergulho em estudos de novos terrenos em inúmeros ramos e um pouco adiantados para sua época. Apesar de não contribuir de uma mesma forma que outros contemporâneos, sua obra ainda é única, significativa e influente. Apresenta uma reavaliação da escolha social, ou da teoria da votação - com propostas para aperfeiçoar os métodos de votação, altamente mais justo e inovadores do que as adotadas hoje em dia.

Outra área que Charles Dodgson contribuiu bastante foi a fotografia. Uns dos primeiros a fazer fotografias artísticas, ele chegou a ser reconhecido como o melhor fotógrafo de crianças do século XIX.

Desde pequeno nutria ambições artísticas, sempre cultivando uma amizade com artistas, visitava museus e galerias, como também teve aulas de arte, e viu na fotografia, aos 24 anos de idade, uma forma de obter mais sucesso do que com seus esboços. Suas fotos principais, e as mais famosas, foram usando modelos infantis, e nessas usava toda a sua imaginação e seu fascínio. Visto que a câmera resultava em um sucesso maior do que o caderno de desenhos, a fotografia deixou de ser apenas um *hobby*.

Em suas fotos com modelos infantis pode-se perceber a diferente concepção de Charles sobre a infância. Devido ao seu modo envolvente, ele conseguia relaxar as crianças, tirando fotos que pareciam naturais.

No começo, ele fotografava cenas do cotidiano. Conhecia uma família, tornava-se amigo deles e se percebesse que o clima era propício, pedia permissão para tirar foto das crianças. Esse era o começo, depois, aos 35 anos de idade, começou a despir

² O silogismo é uma forma de raciocínio dedutiva, normalmente constituído por três proposições: as duas primeiras denominam-se premissas e a terceira conclusão.

suas modelos, pedindo a permissão das mães. Nos treze anos seguintes ele tirou várias fotos de meninas seminuas. Apesar de ter tirado uma grande quantidade de fotos, apenas quatro sobreviveram, isso porque, antes de morrer, destruiu todos os negativos e cópias, como também devolveu algumas fotos às famílias, não querendo expor suas modelos.

Carroll passou 25 anos revelando fotografias, juntando mais de duas mil fotos, mas, de repente, abandonou seu passatempo sem explicação, causando uma maior especulação sobre suas intenções com as modelos. Entretanto, sua maneira de tirar fotos - as modelos relaxadas e descontraídas, mesmo seminuas, os fundos, as fantasias - são ainda muito elogiadas e estudadas hoje.

2. CRÍTICA E CIRCULAÇÃO

Charles Dogson está presente em vários livros de crítica literária, principalmente dos que falam sobre o gênero nonsense, de estudos dos textos, além dos que contam a história de Alice, e de sua importância destes para o contexto da Inglaterra no século XIX.

Carvalho (1985) considera Alice no País das Maravilhas como uma das obras-primas da literatura inglesa.

Assim consegue o austero professor de Matemática, num livro original e único, realizar uma duplicidade literária que, em tais condições, só a pena do versátil mestre concebeu até hoje, assinalando o marco mais expressivo da Literatura satírico-humorística da Inglaterra. Carroll, com seu sonho fantástico e incoerente, é um prestidigitador de ideias original e único. Sua obra, mais do que uma expressão simbólica do nonsense, para colocar, paradoxalmente, a lógica e o sentido da linguagem (...).

Os dois livros de Alice, que formam uma só obra: Alice no País das Maravilhas e Alice no Reino do Espelho, representam a mais notável manipulação lúdica da linguagem e do pensamento, com suas articulações e desarticulações verbais, suas imagens fonética e fônica, suas combinações semióticas, levando o nonsense que, numa leitura ingênua, recreia e satisfaz a natureza hedonista da criança. Em tudo isso, porém, está a complexidade alegórica, histórica, linguística e psicanalítica da obra, do nonsense carrolliano, que se tornou uma das mais significativas a época vitoriana. (Carvalho, 1985 p.114)

Entretanto, Carroll aparece com um destaque menor do que o esperado em livros sobre a história literária, mesmo sobre a literatura inglesa.

O livro *Alice no País das Maravilhas*, lançado em 1865 lhe deu imediata notoriedade, e apresentou o mesmo êxito o lançamento de *Através do Espelho, e o que Alice encontrou por lá*, no natal de 1871. O sucesso dessas duas obras acabou por ofuscar o brilho das histórias posteriores de Carroll.

Nesse século, Carroll não ocupou um lugar alto no cânone da literatura, nem mesmo da inglesa, entretanto, é um autor extremamente popular entre o público, e, possivelmente, não será esquecido tão em breve, pois as estranhas aventuras de Alice ainda encantam milhares de crianças e adultos o mundo inteiro. Assim foi o autor no período que sua primeira história foi publicada em 1865.

3. O OUTRO CRIADOR DE ALICE

Sir John Tenniel nasceu em Londres em 1820 e faleceu em 1914. Era um ilustrador, e cartunista político, seus mais famosos trabalhos foram para a revista satírica *Punch* e as ilustrações para os dois livros de *Alice*, de Carroll. Seus trabalhos foram destaques durante a segunda metade do século 19, na Inglaterra, recebendo uma condecoração pela Rainha Victória em 1893, por suas realizações artísticas.

Nos dois trabalhos de *Alice* foi utilizado o mesmo método – os desenhos preliminares eram a lápis, depois utilizavam uma técnica de “tinta branca chinesa” e, em seguida, transferia para o bloco de madeira com o uso de papel vegetal. Essas gravuras de madeira eram usadas como modelo. Os blocos de madeira originais dos desenhos de *Alice* foram descobertos em um cofre em 1981, e agora se encontram na *Biblioteca Britânica*.

Quando Lewis Carroll, animado pelos seus amigos, resolveu publicar e divulgar a história de *Alice*, ele se viu insatisfeito com suas ilustrações. Por isso, foi buscar um artista profissional. Tenniel já era um artista muito conhecido na época, o que mostra como Lewis Carroll encarou com seriedade seu livro, escolhendo o melhor desenhista do país. Os desenhos de Tenniel se tornaram tão famosos e populares quanto à própria história, e Carroll o convenceu a ilustrar também sua sequência, *Alice através do espelho*.

Com a preocupação das ilustrações saírem precisas, Carroll apresentou várias instruções e ordenou muitas alterações. Assim, podemos ter certeza de que a Alice é certamente como Dodgson a teria imaginado.

Ao longo de toda a sua vida produziu mais de 2.000 ilustrações e caricaturas, contudo, suas ilustrações dos dois livros de Alice são as mais famosas.

4. O ESTILO SEM SENTIDO

Nonsense é uma forma de arte/expressão por meio de palavras que não apresentam algum significado coerente, ou que é absurdo. A própria etimologia da palavra revela seu significado: *non* (não) + *sense* (sentido). Muitos poetas, romancistas e compositores tem usado o *nonsense* para ilustrar um ponto sobre a linguagem ou o raciocínio, tanto por divisão como por sátira, usando cenas absurdas de se imaginar e enigmas sem sentido.

As obras de Lewis Carroll podem ser facilmente classificadas como *nonsense*. Como o caso do poema *Jabberwocky*, presente na obra *Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá*, um dos poemas mais famosos de Carroll.

JAGUADARTE

*Era briluz. As lesmolisas touvas
roldavam e reviam nos gramilvos.
Estavam mimsicais as pintalouvas,
E os momirratos davam grilvos.*

*“Foge do Jaguadarte, o que não morre!
Garra que agarra, bocarra que urra!
Foge da ave Fefel, meu filho, e corre
Do frumioso Babassura!”*

*Ele arrancou sua espada vorpal
e foi atrás do inimigo do Homundo.
Na árvore Tamtam ele afinai
Parou, um dia, sonilundo.*

*E enquanto estava em sussustada sesta,
Chegou o Jaguadarte, olho de fogo,
Sorrelfiflando através da floresta,
E borbulia um riso louco!*

*Um dois! Um, dois! Sua espada mavorta
Vai-vem, vem-vai, para tras, para diante!
Cabeça fere, corta e, fera morta,
Ei-lo que volta galunfante.*

*“Pois entao tu mataste o Jaguadarte!
Vem aos meus braços, homenino meu!
Oh dia fremular! Bravooh! Bravarte!”
Ele se ria jubileu.*

*Era briluz.As lesmolisas touvas
Roldavam e relviam nos gramilvos.
Estavam mimsicais as pintalouvas,
E os momirratos davam grilvos.
(Tradução de Augusto de Campos)*

Esse poema surpreendeu e encantou os ingleses por causa do estilo alegre e brincalhão, criando palavras, alternando com as já existentes, produzindo um ritmo agradável aos ouvidos quando lido em voz alta.

5. O INCRÍVEL PAÍS DAS MARAVILHAS

É difícil encontrar alguém que nunca tenha ouvido falar de Alice. Mesmo sem a leitura dos livros, os personagens mais famosos são facilmente identificados. Publicados pela primeira vez em 1865, é até hoje uma das histórias mais populares, sem nunca ter ficado fora de catálogos, e um dos livros mais citados no mundo ocidental junto com a Bíblia e Shakespeare, traduzidos para praticamente, todas as línguas escritas existentes.

O enredo é aparentemente simples: em um dia quente, Alice e sua irmã estão sentadas a beira de um lago. Enquanto sua irmã lê, Alice tenta encontrar algo de interessante para fazer. É então que ela tem o vislumbre de um coelho branco de colete que passa por ela apressado. Sem pensar duas vezes ela o segue e entra em sua toca, indo parar em um mundo diferente cheio de criaturas fantásticas e animais falantes.

É interessante notar que poucas vezes Alice se preocupa em voltar para casa. Conforme os acontecimentos da história se passam, ela se pergunta quais serão as consequências para sua vida «normal», mas jamais parece ter por objetivo final achar um caminho de volta para casa. A princípio, seu objetivo é encontrar um caminho para o jardim que avistou na sala de portas, o primeiro lugar que chega depois de cair na toca do coelho. Neste novo mundo, Alice e seus leitores encontram um elenco de criaturas estranhas, incluindo a Rainha de Copas, o Gato Risonho, a Lebre de Março e o Chapeleiro Maluco.

O manuscrito original levou dois anos e meio para ser completado. Em 1865, o livro recebeu sua primeira edição com ilustrações de John Tenniel, o melhor cartunista da época, e reentitulado como *As aventuras de Alice no País das Maravilhas*.

O livro mudou o panorama da infância, tornando os livros infantis menos sérios e mais divertidos; a ausência de temas moralizantes na obra contribuiu para o sucesso entre as crianças, que lhes deu uma liberdade inesperada.

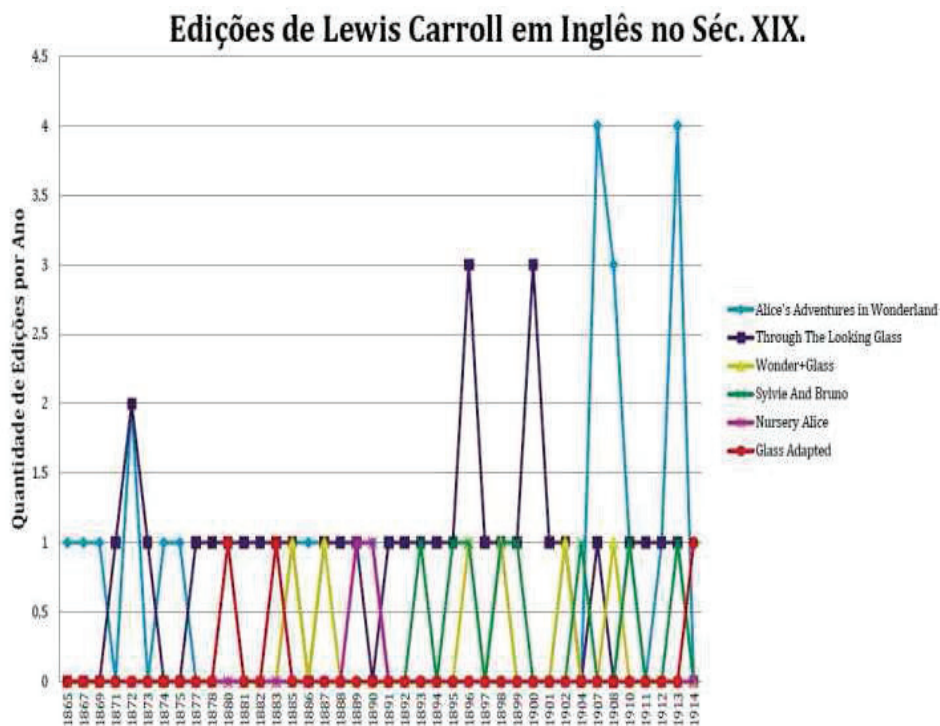
Os livros infantis da época eram preservados e controlados pela Igreja, sendo muito didáticos, procurando preservar a moral, a cultura e os padrões sociais. Entretanto, o livro de Alice não apresenta uma moral, além da moral da Duquesa, que é uma moral satírica, tornando a história mais leve e diferente.

A criação de um universo fantástico pelo autor, com a presença de personagens diferentes - animais falantes e com características humanas -; ausência de descrições prolongadas e digressões cansativas; e o ritmo rápido da obra, proporcionando uma ação nas constantes descobertas das novas curiosidades de Alice enquanto explora o País das Maravilhas, deixam os leitores na expectativa da conclusão do enredo. Lewis Carroll é muito elogiado pelo seu *nonsense*, visto como artístico, criativo e divertido, e suas piadas e adivinhações também contribuem para deixar o livro mais interessante.

6. OS NÚMEROS DE ALICE

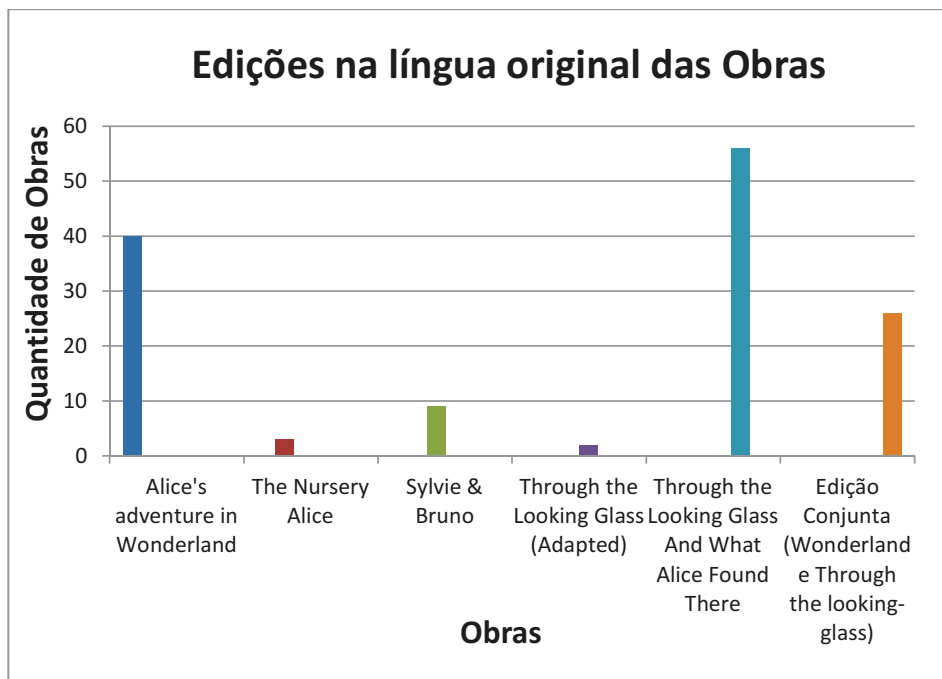
Quando o professor de matemática Charles Lutwidge Dodgson colocou a história de Alice no papel ele provavelmente não imaginava a proporção que ela tomaria e nem mesmo que sua obra continuaria conhecida quase 150 anos após sua primeira edição. O segundo livro, *Através do Espelho e o Que Alice Encontrou por Lá*, obteve êxito, assim como o anterior, e agradou aos leitores, mas o mesmo não pode ser dito das outras obras do autor publicadas posteriormente.

6. a. Edições em língua original



O triunfo de Alice em comparação a outras obras de Carroll se torna ainda mais visível quando os dados sobre as edições de todos os livros são organizados em gráficos, como acima. No período de 1865 a 1913, podemos observar que o livro que obteve mais edições foi *Através do Espelho e o Que Alice Encontrou por Lá*. Entretanto, o livro com maior número de exemplares foi *Alice no País das Maravilhas*. Carroll parece ter tentado reproduzir em suas outras histórias a fórmula de Alice, sem muito êxito, por exemplo, *Sylvie e Bruno* obteve poucas edições, e hoje é uma obra esquecida.

Algo interessante que pode ser notado no gráfico é que o sucesso de *Através do Espelho e o Que Alice Encontrou por Lá* se deu mais rapidamente do que *Alice no País das Maravilhas*. Percebe-se, também, a presença de uma adaptação das obras de Carroll. *Alice no País das Maravilhas* e *Através do Espelho* ganham edições especiais para crianças menores, *Nursery Alice* e *Glass Adapted*. Além disso, estas duas obras passam a circular em edições conjuntas a partir do ano de 1871 (ano da estreia de *Através do Espelho*), e até hoje, podem ser encontradas esse tipo de volume que reúne as duas histórias. Algumas adaptações atuais até mesmo misturam o enredo dos dois livros.



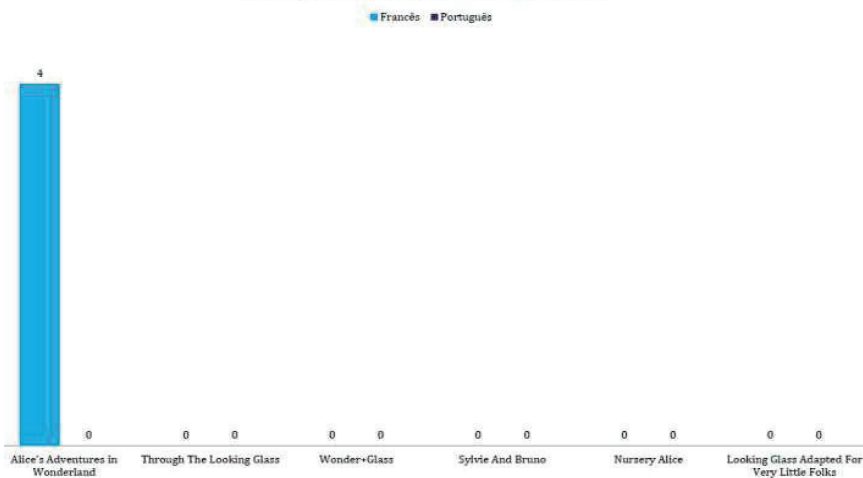
O gráfico acima ilustra o número de edições que algumas das obras de Lewis Carroll receberam na época (de seu lançamento até 1914). Foram 41 edições de *Alice no País das Maravilhas* e 55 de *Através do Espelho*. *Sylvie e Bruno*, livro com menor sucesso, aparece somente com 8 edições.

Acredita-se que a presença de edições conjuntas contendo as duas obras de Alice pode ter sido um esforço por parte da editora para a divulgação de ambas as obras, como também a presença de obras adaptadas para crianças ainda mais jovens mostrava um esforço para aumentar o público leitor e alcançar mais vendas.

6. b. Traduções de Alice no País das Maravilhas

É indiscutível que as duas primeiras obras de Carroll fizeram grande sucesso na Inglaterra. Entretanto, quando são analisados os números de traduções que esses livros receberam em português e francês, o número de dados cai consideravelmente. O autor não obteve nenhuma edição em português durante o século XIX. A obra de *Alice no País das Maravilhas* só chegou ao Brasil no ano de 1930, traduzido por Monteiro Lobato. Encontram-se apenas quatro traduções para o francês dentro do período, sendo que a primeira é lançada pela mesma editora britânica no ano de 1869, como é possível observar no gráfico.

Traduções de Lewis Carroll no Séc. XIX



As traduções das obras de Carroll serão mais amplamente realizadas num período posterior. Possíveis fatores para as traduções terem sido feitas apenas depois de 1900 seriam as adaptações cinematográficas de 1903, 1910 e 1915.

7. LEWIS CARROLL: AMADO E ODIADO, ONTEM E HOJE

Diversos anos e edições depois da publicação da primeira edição de *Alice no País das Maravilhas*, em 2010, Tim Burton resolveu juntar a obra de estreia de Lewis Carroll e sua sequência de 1871, *Através do Espelho e o Que Alice Encontrou Lá*, e adicionar sua própria interpretação de um universo que já era complexo e atrativo e fazer um filme para todos os públicos. Dessa forma, as críticas do trabalho do bom e velho professor de matemática de Oxford que conquistou os corações de crianças e adultos no século XIX surgem novamente.

Em sua maioria, se referem a *Alice no País das Maravilhas* como a obra prima da literatura infanto-juvenil e, se recordando em alguns parágrafos de quem foi Lewis Carroll e o universo que ele criou, o impacto gerado pelo País das Maravilhas e os rumores instigados.

Mas as críticas que Carroll recebeu no século XIX destoam do tom das críticas de hoje em dia: em sua maioria, os críticos acreditavam que a obra sem lições de moral não era um bom exemplo para as crianças da época, por causa da dura criação vitoriana.

Em uma crítica de 1869, quatro anos após o lançamento de *Alice*, a opinião de um Sr. Coventry Patmore foi debatida por um crítico do *The Spectator*. O Sr. Patmore defendeu que *Alice no País das Maravilhas* não seria um bom livro para crianças em razão de apresentar assuntos que não são de sua esfera de conhecimento, como, por exemplo, o júri ou as caricaturas sociais presentes na obra. O crítico do *Spectator* argumenta que se tal afirmação se sustentasse, muitas obras infantis também não seriam apropriadas,

como *O patinho feio*. Engana-se quem pensa, no entanto que a intenção do crítico era defender Alice e suas aventuras: ao contrário, ele ataca *Alice no País das Maravilhas* por seu verbalismo e por seu humor que, às vezes, assume um tom meramente verbal. Ele comenta, ainda, sobre os problemas que poderiam surgir nas traduções já que as piadas e trocadilhos não conservarão o mesmo significado. Ele concluiu considerando Alice uma ‘literatura ruim’ e dizendo que a história devia muito as ótimas ilustrações de John Tenniel.

Is it ill-natured to wonder whether Mr. Lewis Carroll, the beloved of all the children, gentlest magician who has led our sober selves into delightful lands of nonsense where all was topsy-turvy, has had writer's cramp? and whether it has gone to his head? It is perhaps not good that such a question should be asked under the immediate pressure of a great disappointment: a certain ferocity steals into the note of interrogation—a fierce suggestion is in the inquiry. Bitterly disappointed indeed are we; for here is a new book with that

No mesmo jornal, em 1876, outro crítico debateu a nova obra de Carroll: *The Hunting of the Snark*. O título de sua crítica, “The Hunting of the Snarl”, faz uma brincadeira com a palavra Snark (criada por Carroll unindo as palavras snake – cobra – e shark – tubarão) e Snarl, que significa enredo, em inglês. O crítico disse estar à procura do enredo e defendeu que a única parte boa do livro é a frase: “For the snark was a Boojum, you see”. Essa crítica exaltou as duas obras de Alice, destacando o fato de que fizera sucesso entre adultos e crianças.

De fato, apesar do desprezo da crítica, os dois livros de Alice foram muito bem recebidos pelo público, tanto infantil como adulto. A ação rápida e ininterrupta, os animais falantes, as criações verbais e paródias musicais e, talvez principalmente, a falta das digressões longuíssimas que eram tão comuns em romances britânicos ‘adultos’.

Em uma carta enviada ao jornal New York Times em 1908, dez anos após a morte de Carroll, sugere-se a formação de um círculo de admiradores de Lewis Carroll, com seus membros organizando uma grande festa do chá todo ano referência à personagem Lebre de Março, que participa do chá do Chapeleiro Maluco.

Admirers of Lewis Carroll.

New York Times Saturday Review of Books:

May I suggest the forming of a circle of admirers of Lewis Carroll? All those who love those quaint classics concerning the adventures of Alice might hold an annual “Mad Tea Party” each March.
C. M. L.

Brooklyn. Feb. 27.

The New York Times

Published: February 29, 1908

Copyright © The New York Times

Quanto à *The Hunting of the Snark*: outras fontes sugerem grande apreciação popular no século 19. O site PublicDomainReview.Org, por exemplo, registrou:

“O poema foi bastante popular, foi reeditado várias vezes. No tempo de vida de Carroll, mais de 20 mil cópias foram vendidas. O poema foi incorporado ao compêndio de Carroll da poesia humorística - intitulado *Rhyme? and Reason?* (1883). Desde então, ele foi ilustrado por uma variedade de artistas e traduzido em muitas línguas, e o livro raramente sai de impressão. Pessoas são conhecidas por memorizar e recitar o poema. Algumas pessoas formam clubes Snark. Há uma natureza atemporal sobre os versos que o tornam tão relevante hoje como aconteceu em 1876.” (WAKELING, 2011)

The PUBLIC DOMAIN REVIEW
A project of the Open Knowledge Foundation

ARTICLES COLLECTIONS SOURCES SUBMISSIONS SUPPORT ABOUT

CURATOR'S CHOICE
#4

LEWIS CARROLL AND THE HUNTING OF THE SNARK

In 1876 Lewis Carroll published by far his longest poem - a fantastical epic tale recounting the adventures of a bizarre troupe of nine tradesmen and a vaquer. Carriemas scholar, Edward Wakeling, introduces *The Hunting of the Snark*.

SIGN UP

FREE DELIVERY TO YOUR HOME

Your email: _____
Subscribe

Em 1890, outra crítica do *Spectator* – considerando-se a data, provavelmente sobre a obra “Silvia e Bruno” – sugere que Lewis Carroll morreu depois de *Alice Através do Espelho* e não mais voltará. Como se pode notar, a crítica é negativa, e demonstra a grande relutância dos críticos da época com qualquer obra de Carroll que

não seja uma das ‘Alices’. Foi sugerido, anos mais tarde, que a baixa dedicação de Carroll a essa obra específica se deve ao fato desta focar-se em uma menina e um menino – sexo que ele não apreciava tanto quando o outro.

Charles Ludwidge “Lewis Carrol” Dodgson faleceu antes de poder ver sua história adaptada para o cinema pela primeira vez cinco anos mais tarde – de fato, é possível que sua morte tenha influenciado a adaptação cinematográfica, aumentando a curiosidade para a história. Em 1907, os direitos autorais da história caíram em domínio público, aumentando o número de edições com o começo de publicações por outras editoras além da que inicialmente o publicava, a Macmillan and Co, de Londres. As notas de falecimento, diferentemente do tom usado pela maioria para ele em vida, não poupavam elogios ao criador de Alice. Seus fãs fizeram doações em dinheiro para a criação de uma ala “Alice” em um hospital londrino.

8. ALÉM DE ALICE

Se perguntássemos para alguém, qualquer um: *Você conhece algum livro de Lewis Carroll além de Alice?* Provavelmente a maioria das respostas seria “não”. Entretanto, ele produziu vários poemas, uns humorísticos, outros sérios, que acabaram menos populares, ofuscados pelos sucessos de seu primeiro livro.

Por exemplo, *The Hunting of the Snark* (A Caça ao Snark), outra obra *nonsense* publicada por ele também despertou grande interesse entre o público inglês - uma obra que é considerada o maior poema *nonsense* escrito na língua inglesa. Escrito 1874-1876, a obra surge de um poema anterior, « *Jabberwocky* », presente no livro *Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá*.

A trama segue um grupo de dez homens que tentam caçar o *Snark* (mistura de *snake* – cobra, e *shark* – tubarão), um animal, que pode vir a ser altamente perigoso, e o único na tribulação que pode encontrá-lo desaparece rapidamente. O poema é dedicado a Gertrude Chataway, uma menina que Carroll conheceu na cidade litorânea Sandown, em 1875. A obra foi publicada em março de 1876 e foi reimpressa 17 vezes entre 1976 e 1908, mencionado em várias obras e adaptado para musicais, óperas, peças de teatro e música. Apesar de ter recebido críticas negativas, considerado um fracasso ao ser comparado com os dois livros de Alice, e de ter seu *nonsense* chamado de cansativo e não artístico, sua recepção pelo público gerou vários fãs que formaram clubes de *Snark*. Desde seu lançamento, foi ilustrado por uma variedade de artistas e traduzido em muitas línguas e o livro raramente sai de impressão.

Sylvie and Bruno também é outra obra de Carroll, lançada a primeira parte em 1889 e a obra completa em 1893, ambos ilustrados por Harry Furniss, tão enigmática para adultos como para crianças. Com aspectos misteriosos de um conto de fada, é uma estranha fusão entre a terra encantada e as realidades da vida. Este é o último romance publicado por Lewis Carroll durante sua vida.

Apresenta duas tramas principais: um conjunto no mundo real, no momento que o livro foi publicado, ou seja, a era vitoriana, e o outro no mundo ficcional de *Fairyland*, onde ocorre um enredo de conto de fadas, contando as aventuras dos dois irmãos, Sylvie e Bruno, com vários poemas e elementos sem sentido. Já a história ambientada na Inglaterra Vitoriana é um romance social, e seus personagens discutem vários conceitos e aspectos da religião, sociedade, filosofia e moralidade.

Essa obra originou-se de algumas alterações de um conto de fadas que Carroll escreveu para a revista *Aunt Judy's Magazine*, em 1867. Em 1874, começou a ter a ideia de transformá-lo no núcleo de uma história mais longa. Contudo, o romance não foi tão bem recebido como os livros de Alice. Uma das possíveis causas foi a falta de aviso, na primeira impressão, de que o livro não estava terminado e que teria uma reimpressão da obra completa mais tarde. Muitos apontam que a história não tem muito do humor característico de Carroll e que é apenas um amontoado de brincadeiras e piadas. Por causa de sua péssima recepção na época de lançamento, essa obra é muito pouco conhecida em outras línguas e pouco citada ou analisada. Em português existe apenas uma tradução de algumas aventuras que se encontra dentro do livro.

Em 1869, ocorre o lançamento da obra *Phantasmagoria and Other Poems*, uma coletânea de poemas, publicado mais tarde sob o nome *Rhyme? and Reason?*. A abertura do livro se dá com o poema *Phantasmagoria*, uma narrativa escrita em sete cantos sobre um fantasma e um homem de nome Tibbets, e entre eles, segundo Carroll, não é apresentada grandes diferenças.

9. CONCLUSÃO

A presença do nome Charles Dogson, ou Lewis Carroll, em vários livros de crítica literária, mostra que ele foi um grande autor tanto em sua época, o século XIX, como hoje em dia.

Seu pseudônimo ficou conservado por causa do sucesso que suas primeiras obras obtiveram, fazendo com que sempre houvesse reedições de seus livros, tornando seu nome cada vez mais mundialmente conhecido. Apesar de receber várias críticas severas pelos seus livros, que não seriam próprios para crianças já que não apresentam uma moral³, ele obteve um grande sucesso entre as crianças, exatamente por este motivo, uma vez que o livro ficou menos sério e mais divertido.

A obra *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* foi a que obteve mais sucesso, principalmente entre o público, deixando as outras na sombra de seu sucesso, principalmente *Silvie e Bruno*, obra que recentemente é esquecida em vários países. Mais recentemente, as diversas adaptações cinematográficas que surgem têm ajudado a retomar o nome Lewis Carroll e cada vez mais estudos surgem, principalmente sobre suas obras menos conhecidas, como *The Hunting of the Snark*.

Mesmo que o nome Lewis Carroll não apareça com grandes destaques em livros sobre a história literária, mesmo sobre a literatura inglesa, responsáveis pela consagração dos grandes cânones, pode-se dizer que este ainda será muito conhecido como um dos grandes autores que trouxeram o *nonsense* para dentro das histórias infantis, mudando a forma como elas produzidas. Autor das histórias infantis mais interessantes, *As Aventuras de Alice no País das Maravilhas* e *Através do Espelho e o que Alice encontrou por lá*, sempre encanta milhares de crianças e adultos.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURSTEIN, M. Lewis Carroll Society of North America. Desenvolvido pela Sociedade Lewis Carroll americana. Apresenta informações sobre Lewis Carroll e pesquisas atuais com relação ao autor. Disponível em <<http://www.lewiscarroll.org/blog/>> Acesso em 25 ago. 2013.
- BLACKBURN, P. C, WHITE, L. Logical Nonsense: The Works of Lewis Carroll. Nova York: G. P. Putnam's Sons, (1934).
- CARROLL, L. Alice: edição comentada. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2002.
- CARVALHO, B. V. de. A Literatura Infantil: Visão histórica e crítica. São Paulo: Global Editora, (1985), p. 113-115.
- COHEN, M. N., and Lewis Carroll. "Uma biografia." Tradução de Raffaella de Filippis. Rio de Janeiro: Record (1998).
- COOPER-RICHET, D. Paris, capital editorial do mundo lusofono na primeira metade do século XIX ?, Varia, vol. 25, nº 42, julho-dezembro 2009, pp. 539-555.
- WAKELING, E. Lewis Carroll and The Hunting of the Snark, 2011. Disponível em <<http://publicdomainreview.org/2011/02/22/lewis-carroll-and-the-hunting-of-the-snark/>> Acesso em 07 nov 2014.

³ A moral, como a cultura e os padrões sociais eram muito estimados, dessa forma, os livros infantis tinham como objetivos transmiti-los.